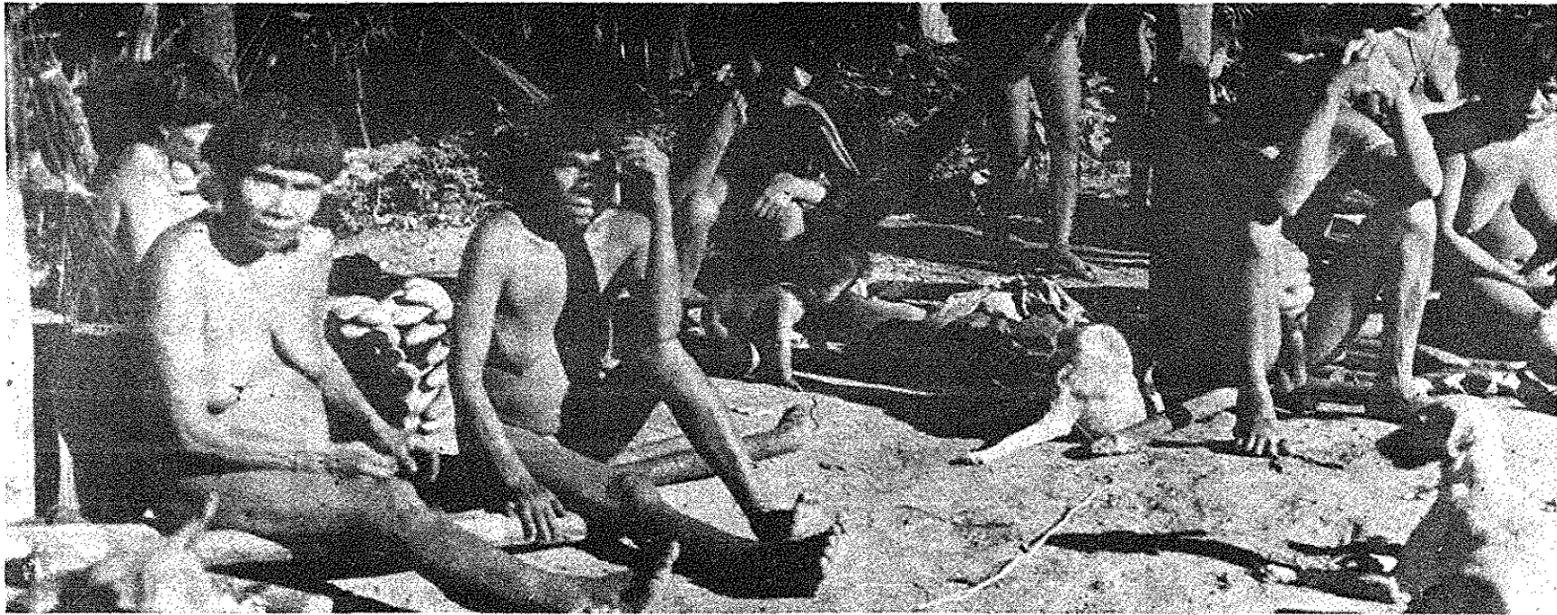


CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Porantim Class.: 103

Data: Nov/79 Pg.:



ENTREVISTA

De 11 a 18 de novembro, será realizado em Manaus uma "Semana pela criação do Parque Indígena Yanomami", promovida pelo CIMI, grupo Kukuro e Amapam, com exposições, palestras e filmes sobre o povo Yanomami, bem como atos de protesto e denúncias contra a invasão de suas terras. O missionário da Congregação da Consolata, Pe. João Batis

ta Saffirio, italiano, 39 anos, que trabalhou com os Yanomami; em entrevista exclusiva ao Porantim, redigida por Regina Melo, faz um balanço do papel do cientista-pesquisador e do missionário junto aos índios, e enfatiza a necessidade de criação do parque, denunciando que:

SEM TERRA, OS YANOMAMI ESTÃO MORRENDO

No começo de agosto último, garimpeiros invadiram a área indígena Yanomami na pista Maraxutheri, ao lado de uma aldeia indígena. A denúncia foi feita na Missão Catrimani por um indígena que tinha ido ao lugar para visitar uns parentes. Com a notícia chegou também uma fortíssima epidemia de gripe que poderia trazer nefastas conseqüências para os índios, já abalados no passado por inúmeras epidemias levadas por garimpeiros e peões da Perimetral Norte, causando perto de 1.000 mortes.

"Desde a construção da perimetral norte - diz pe. Saffirio - as invasões tem se acentuado, causando assim mortes e um baixo índice da população indígena".

Aliás, a epidemia de sarampo que se alastrou entre os Yanomami e que matou 68 índios, aconteceu em fevereiro de 1977, quando um garoto levado às missões portava a doença sem ninguém saber. Pe. Saffirio profundamente abalado, resolveu deixar a missão do Catrimani, e ao mesmo tempo sentiu necessidade de fazer cursos de Antropologia e de linguística, viajando para os Estados Unidos, com a finalidade de instrumentar-se melhor para servir aos índios.

A saída, para o pe. Saffirio, seria a autodeterminação: "O controle das invasões, diz ele, deveria ser feito pelo próprio índio. Deve-se dar possibilidade ao índio de defender seus próprios direitos, embora no caso do Brasil não devamos menosprezar a assessoria do missionário.

O PARQUE

Pe. Saffirio vê a criação do parque como a única alternativa para os Yanomami: "só o Parque pode salvar os Yanomami da grande tragédia que significaria o genocídio desse povo". Comenta o missionário, que a prelação havia apresentado em 1968 um projeto de criação do parque que foi endossado com algumas mudan-



ças posteriormente. Como não existia nenhum grupo de pressão mais forte, o projeto não foi aceito. Em compensação, a FUNAI apresentou idéia de criar uma reserva no Catrimani ou 16 pequenos bolsões - os corredores da morte-pensando com isto resolver o problema.

Agora, a criação do parque depende da mobilização da população brasileira, que deve exigir do Governo o direito que os Yanomami têm sobre o seu território. Ele conta como nos Estados Unidos a repercussão da luta contra o famigerado projeto de Emancipação do ministro Rangel Reis foi boa e exerceu uma grande influência para a sua não aprovação.

Quanto à luta pela criação do Parque Yanomami, pe. Saffirio diz, que ela será dura e difícil "por causa dos obstáculos criados pelo próprio governo, que justifica a extração de minérios na região e defende toda uma tese sobre a Segurança Nacional na zona de confins, defendendo a idéia de possível ataque contra o Brasil, por localizar-se nas fronteiras, onde vivem 14.000 Yanomami da Venezuela e 8.000 do Brasil. Este argumento é fraco, juridicamente", completa pe. Saffirio.

A FUNAI, da Venezuela, chamada de IVIC, controla toda a penetração de estrangeiros nas áreas indígenas. Na América do Norte, os índios se defendem diretamente em Washington, junto ao Ministério de Assuntos Indígenas. No Brasil, desde a construção da perimetral norte, porém, as invasões estão se acelerando, comenta pe. Saffirio.

CIENTISTA SOCIAL

Pe. Saffirio confessa, que atua muito mais como missionário do que como cientista, porque se deixou absorver completamente pela cultura Yanomami e seus problemas, não encontrando tempo para se dedicar a estudos mais profundos. Embora não se possa separar essa atuação de missionário e pesquisador, pois como missionário está também aprendendo a cultura, diz que "o tipo clássico do cientista antropólogo é quase o tipo de um coletor de dados". Cita o exemplo dos Estados Unidos, onde pesquisadores são criticados por exercerem na Sócio-Biologia a coleta de dados para fazerem suas pesquisas deixando os problemas dos índios para segundo plano.

Essas pesquisas com o intuito de conhecer o índio, bem como a capacidade intelectual para dar seqüência a um discurso científico são necessárias, porém, mais importante que esse trabalho de pesquisa é a necessidade de admitir-se a "totalidade do índio".

O maior problema dos pesquisadores

norte americanos e estudar o índio como viveu há tempos atrás, desconsiderando as mudanças. Embora falem de mudança social, seus estudos revelam que desejariam na realidade que os índios fossem como eram no passado - com a mesma vida e os mesmo padrões culturais. São poucos os que realmente se interessam por um cambio social, considerando o progresso de contato e os seus direitos de mudança.

Na Antropologia Brasileira há maior envolvimento de pesquisa e existe o estudo da antropologia aplicada. É importante, pelo menos, 10% de pesquisa pura. Os problemas do dia a dia do índio devem ser vividos pelo antropólogo pesquisador.

"E preciso considerar o Yanomami como ele se encontra no momento atual. Muita gente com boa base de ciência e de pesquisa que o ajude a crescer e o faça entrar em contato com a nossa sociedade, pegando não só o que é ruim, como geralmente acontece, mas também o que é bom".

PROJETO DE PESQUISA

Seu primeiro projeto de pesquisa tratava da mudança social nas missões do Ajanani, porque a estrada linear permitiria contatos com diversos grupos, possibilitando, assim, o estudo de mudança. Mudou o projeto, procurando outro estudo de pesquisa, dessa vez, menor, por não ter podido receber a bolsa da Latin America Foundation.

Por enquanto, sua perspectiva é voltar à região do Catrimani e fazer uma pequena coleta de dados sobre a divisão de caça e pesca entre os Yanomami e outro grupo do alto do rio Lobo D'Almada que, provavelmente, conservam os seus padrões culturais. Depois, trabalhará com outro grupo, Opikteri (Km 32, duas horas da missão) que está em fase de mudança. Usam roupa, espingarda - poucos usam arco e flecha - andam pela estrada até o posto da FUNAI (Km 49) e mantêm contato com os civilizados. Pretende compará-los para ver o que mudou. Essa pesquisa, acredita, trará indicações quanto às mudanças sociais.

A divisão da caça e pesca é a base do relacionamento Yanomami. Se os índios forem acudados pela penetração, perderão a possibilidade da caça, que diminuirá, quando a distância aumentar. Todo o processo da divisão será alterado, juntamente com as relações de parentesco, e a poligamia dificilmente poderá resistir, pois o índio não mais poderá receber a

caça de diversos lados, como antes recebia. A tendência será viverem em famílias nucleares ou grupos.

IGREJA ÍNDIA

Pe. Saffirio destaca a atuação da igreja no Brasil; que tem sido exemplo para toda a América. "Conseguiu atualizar-se e há respeito no trabalho da área indígena, o que não acontece com a Colômbia, onde a igreja é tradicional". Acredita que o seu trabalho é de evangelização e diz que o exemplo da honestidade é de primordial importância. O respeito aos seus padrões de vida, convivendo e aceitando seu sofrimento é uma maneira de encamar-se na sua cultura.

A encarnação do missionário na cultura Yanomami é muito difícil, dada a diferença de costumes. Aparece, ainda, o problema de saber até que ponto a igreja aprovaria uma "total integração na cultura Yanomami, aderindo ao seu modo de viver".

Estudando num meio mais laico, pe. Saffirio pôde aperfeiçoar suas idéias e aprovar inteiramente a criação da igreja indígena, cujo evangelho seria elaborado a partir de suas verdades e sabedorias, e a revelação de seu próprio Deus. A igreja indígena consistiria em dar uma ampliação cristã aos seus mitos. Reconhece que é muito difícil e que "só alguém bastante preparado poderá fazer esta tradução teológica".

Nos Estados Unidos, o papel da igreja é respeitado nas universidades, unicamente pelo que faz para defender o índio. Pe. Saffirio vê, entretanto, no Brasil o papel da igreja "menos sacral e muito mais religioso". Volta a afirmar que o trabalho e o exemplo devem ser a "bagagem de fé proclamada pelo missionário".

